

## **Alemanha em modo crise**

**Se o histórico político da coalizão em seus primeiros dois anos no poder servir de indicação do que está por vir, mais alemães deveriam estar preocupados com o futuro do seu país**

**Por Helmut Anheier**

**Valor, 20/12/2023**

Houve um tempo em que aos olhos de muitos nada podia dar errado na Alemanha: a economia estava forte, o desemprego era baixo e sua estratégia de consolidação fiscal era bem-sucedida. Um amplo consenso político proporcionava estabilidade e a sociedade alemã não era marcada por divisões profundas. Como dizia o lema da ex-primeira-ministra Angela Merkel na campanha de 2017, a Alemanha era “um país onde vivemos bem e felizes”.

Com o ano terminando, o slogan de Merkel, esquecido até mesmo por seu próprio partido, surge como uma ilusão. A visão que prevalece agora é a de que a Alemanha já não consegue acertar em nada - ou pelo menos nas coisas importantes. A população está cansada e pessimista: 46% dos alemães acreditam que a situação estará pior em dez anos. No fim de 2022, apenas 28% estavam esperançosos em relação a 2023, a resposta mais negativa desde 1951.

Eles estavam certos: 2023 acabou sendo um ano desanimador para a Alemanha. A economia tem vivido uma recessão branda, mas persistente, e as perspectivas para 2024 são igualmente sombrias. Uma crise orçamentária grave e há muito não resolvida paralisou os governos federal e estaduais, as disputas internas nos três partidos da coalizão são desenfreadas e muitos esforços de reforma estão no momento empacados ou foram abandonados. Não admira que “Krisenmodus” (modo de crise) tenha sido a palavra alemã do ano.

O influente jornal “Frankfurter Allgemeine Zeitung” recentemente dedicou uma página inteira aos maiores problemas da Alemanha - 13 no total, muitos deles autoinfligidos. A globalização está desacelerando e mudando e poucos novos mercados estão surgindo para os produtos fabricados na Alemanha, o que pressiona a economia do país, voltada para as exportações. Além disso, os investimentos estão muito baixos, os mercados de capitais estão muito fracos e uma onda virulenta de tecnofobia desacelerou o esforço de digitalização.

A Alemanha sofre com baixos investimentos em infraestrutura pública, excesso de regulação, muita burocracia e escassez de mão de obra. Os desafios incluem um sistema de imigração falido, habitação cara, alguns dos maiores preços de energia da Europa

Isso é apenas a ponta do iceberg. A Alemanha também sofre dos investimentos insuficientes em infraestrutura pública, excesso de regulamentação, muita burocracia e escassez de mão de obra. A sociedade alemã precisa enfrentar vários desafios que incluem um sistema de imigração falido, habitação cara, alguns dos maiores preços de energia da Europa e escolas com baixo desempenho.

Por outro lado, o jornal conseguiu identificar apenas três sinais encorajadores: o núcleo industrial da Alemanha deverá se beneficiar da Inteligência Artificial (IA); o setor farmacêutico está recuperando sua antiga força; e os “Mittelstand” - os fundamentais pequenos e médios fabricantes do país - continuam relativamente resilientes e inovadores.

O que deu errado? É certo que a pandemia de covid-19, a guerra do presidente russo Vladimir Putin na Ucrânia (e a crise energética resultante), um aumento da imigração e os conflitos no Oriente Médio contribuíram para a atual situação. Mas o mais importante é que eles revelaram o quanto a Alemanha estava despreparada para choques inesperados e mudanças geopolíticas.

Muitos desses problemas vêm se agravando há algum tempo: das dependências econômica e energética aos sistemas administrativos ultrapassados e regulamentações que sufocam a inovação. Mas a liderança do país decidiu ignorá-los e os eleitores decidiram pactuar, acreditando que as coisas acabariam dando certo.

Embora a recessão alemã tenha muitas causas, a principal delas é o frequentemente negligenciado “passivo do sucesso”. O que vale para as companhias, vale para os países: o bom desempenho financeiro pode levar à complacência. Durante períodos de forte crescimento econômico, os governos se tornam excessivamente confiantes e ignoram as mudanças nas condições.

Esse passivo foi exacerbado pelo prêmio que os eleitores alemães atribuem à liderança política estável e à manutenção do status quo. Merkel, longe de ser uma visionária política, serviu como uma luva para a Alemanha, adotando medidas graduais, em vez de pressionar por reformas muito necessárias.

A coalizão governista (a Ampelkoalition, ou coligação dos semáforos, nomeada em razão das cores dos três partidos do governo) foi formada sob a bandeira de “ousar mais progresso”. Mas o primeiro-ministro Olaf Scholz não é um visionário nem um gestor eficiente de seu governo assolado por conflitos e propenso a gafes.

Tem sido praticamente impossível para a Ampelkoalition encontrar afinidades. Os social-democratas agradam sua base antiga e cada vez menor com o dinheiro dos contribuintes; os Verdes têm uma visão de reforma cada vez mais defasada da opinião pública; e os liberal-democratas repetem seus mantras de “nada de novos impostos” e “restrições aos gastos públicos”, ao mesmo tempo em que insistem no freio da dívida, o limite constitucional à

tomada de novos empréstimos. Se o histórico político da coalizão em seus primeiros dois anos no poder servir de indicação do que está por vir, mais alemães deveriam estar preocupados com o futuro do seu país.

Parece certo que a Alemanha pagará um preço por sua complacência. Ficar sentada sobre os louros por muito tempo a deixou despreparada para o mundo de hoje, e a incapacidade da coalizão no poder de tomar medidas decisivas apenas intensificou o problema. Do ponto de vista social, o amplo consenso que unia a maioria dos alemães enfraqueceu, à medida que greves e manifestações se tornam mais comuns.

Além disso, o país enfrenta um futuro político incerto. O partido de direita Alternativa para a Alemanha (AfD) aparece nas pesquisas com mais de 20% dos votos, número que era inferior a 10% dois anos atrás, e provavelmente se tornará o maior partido em vários parlamentos estaduais no ano que vem. Na verdade, a Ampelkoalition poderá não sobreviver até a próxima eleição federal, marcada para o fim de 2025. Se os apelos por eleições antecipadas se tornarem mais fortes, Scholz poderá buscar uma grande coalizão com os Democratas Cristãos sob liderança de Friedrich Merz, primeiro-ministro paralelo.

Se a Ampelkoalition quiser permanecer no poder e melhorar seu péssimo histórico, Scholz precisa melhorar a sua comunicação com o eleitorado e explicar as políticas de seu governo mais claramente e com mais frequência. E todos os três partidos precisam perceber que estão prejudicando suas chances de reeleição se insistirem nas pautas de sempre enquanto o país afunda.

O governo de Scholz deveria tentar chegar a um consenso sobre três questões críticas: não introduzir quaisquer novos programas sociais e limitar o aumento dos gastos com os atuais programas à taxa da inflação; modernizar a administração pública; e defender uma abordagem mais flexível aos investimentos públicos, o que exige uma reforma no freio da dívida. Embora essas mudanças possam não ser ousadas, pode haver pouco progresso sem elas. **(Tradução de Mário Zamarian)**

**Helmut K. Anheier, professor de sociologia na Hertie School em Berlim, é também professor adjunto de políticas públicas e bem-estar social na Luskin School of Public Affairs da UCLA. Copyright: Project Syndicate, 2023. [www.project-syndicate.org](http://www.project-syndicate.org)**